

MEGAN
MAXWELL
BEM-VINDAS
AO CLUBE

Guerreiras Sem Fronteiras



Para as minhas guerreiras e guerreiros, com amor.
Lembrem-se: um amigo não é quem te limpa as
lágrimas, mas sim aquele que evita que as derrames e, por vezes, quando estás mal, procura soluções por ti e para ti.
Mil beijos,

MEGAN

Capítulo 1

O dia amanheceu horroroso...

O dia estava chuvoso...

O dia estava esquisitinho...

Caía um dilúvio e o casamento de Venecia e Jesús era um facto.

Tinham começado a namorar com dezassete anos, um amor adolescente que fora amadurecendo com o passar do tempo, e agora, vinte anos depois, por fim tinham-se decidido a dar o grande passo e a unir os seus destinos para sempre.

No carro, que era conduzido por Pedro, seguiam Venecia e Fernando, o seu pai. A noiva olhava pela janela e admirava como sempre a Madrid dos Áustrias, apesar da incessante chuva de janeiro.

Madrid era mesmo linda!

Começou a tocar uma canção na rádio e ela pediu a Pedro para aumentar o som.

Passados dois segundos, a melodia de *Lo nuestro* inundou o carro.

– Este rapaz canta mesmo bem... – comentou Fernando. – Como se chama mesmo?

– Pablo Alborán.

Ele assentiu e Venecia sorriu.

Ver o pai focado e feliz naquela manhã, apesar da sua doença, era algo incrível para ela. Como quem não quer a coisa, meteu a mão no bolso do seu pomposo vestido de noiva e retirou o telemóvel, que estava a vibrar. Uma mensagem de WhatsApp. Ao ver que era da mãe, abriu-a:

Tudo em ordem?

Venecia olhou para o pai. Infelizmente, a demência vascular de que sofria estava a fazê-lo perder o controlo e a fazer que perdesse a memória.

O médico tinha-os desaconselhado a que ele fosse padrinho do casamento, dado que no seu estado poderia perder o tino de um momento para o outro, mas Venecia recusara-se. Como não dar esse gosto ao pai, quando se ia casar por ele?

E escreveu:

Sossega, mãe. Está tudo bem.

Com o telemóvel na mão, enviou a mensagem e a seguir este desligou-se.

Como precisava de ver a fotografia que tinha como fundo de ecrã, ligou de novo o *iPhone* e contemplou a imagem dela, Jesús e *Traviata*, a sorrirem na praia de Conil.

Jesús. O seu homem. O seu cúmplice. O seu namorado. O seu melhor amigo e aquele com quem se ia casar.

Jesús. O rapaz que conhecera sendo ela também uma miúda. Juntos tinham-se transformado em homem e mulher.

Jesús... O grande cabrão do Jesús...

Passados quinze segundos, o ecrã do *iPhone* voltou a desligar-se e um arrepio percorreu-lhe o corpo, quando os seus lábios, acompanhando a canção que estava a tocar na rádio, murmuraram: «fomos tudo e mais do que isso...».

«Fomos»..., no passado!

O que devia fazer?

Deveria deixar-se levar pelo coração?

Venecia tocou no seu bonito coque e fechou os olhos. Ela não era como o pai e o irmão, que decidiam as coisas em dois segundos, num ápice. Ela meditava em tudo muito bem antes de o fazer, com os seus prós e contras e, se chegara àquele momento, se estava vestida de noiva e ia sentada naquele carro, era porque assim tinha de ser. O seu casamento era inevitável.

Como se o telemóvel lhe queimasse a mão, voltou a ligá-lo para olhar outra vez para a fotografia, mas passados uns segundos sentiu necessidade de se pôr em contacto com as amigas. Tinha de falar com elas. E, abrindo o WhatsApp, procurou o grupo chamado «As mais melhores» e foi então que ouviu o pai a protestar:

– Mas, filha, a ver... *isso* no dia do teu casamento?

«*Isso...*» Essa palavra significava que Fernando se tinha esquecido de que se chamava «telemóvel».

Venecia apressou-se a bloquear o ecrã.

Mas o que estava a fazer?

Sem hesitar, voltou a guardá-lo no bolso do seu lindo vestido *Rosa Clará* e, suspirando, tocou no seu coque perfeito e declarou:

– Tens razão... vou pousá-lo.

Pai e filha entreolharam-se, entre ambos existia uma união muito especial, e ele comentou a sorrir:

– Como diz o ditado, «casamento molhado, casamento abençoado».

Ouvir aquilo fê-la sorrir, embora, para ser sincera, aquilo fosse a última coisa que lhe apetecia e, ao ver o pai a passar um lenço pela testa, perguntou:

– Estás bem, pai?

Fernando anuiu e, devagarinho, respondeu:

– Sim, filha. Estou... estou bem. Nervoso... mas bem.

Após vários microenfartes que lhe tinham afetado a fala e a concentração, o neurologista de Fernando diagnosticara-lhe demência vascular, uma doença parecida com a doença de Alzheimer, mas que progredia com maior rapidez. Este diagnóstico fez que se antecipasse o casamento, pois Venecia queria que o pai vivesse aquele dia tão ansiado por ele.

Fernando era um lutador, um guerreiro, e, apesar de saber que tinha a batalha perdida porque o seu corpo deteriorado lhe falhava, fazia tudo o que era humanamente possível para continuar, apesar das suas mudanças de humor, dos esquecimentos ou da desorientação.

Estava muito orgulhoso da sua filha, a sua menina, e, pegando-lhe nas mãos, declarou devagar:

– Não vou permitir que esta... esta maldita doença me... me prive de ver-te casada e feliz. Meu Deus, vinte anos! Tiveram de passar vinte anos para eu ver este momento.

Venecia concordou com uma certa mágoa, e não só pela doença. E o pai, que a conhecia muito bem, ao vê-la coçar atrás da orelha com o indicador, perguntou:

– Nervosa?

– Sim. – E, parando de se coçar, acrescentou: – Um bocado, pai.

Fernando sorriu. A sua filha casar era um acontecimento muito especial para ele e para a sua mulher, estavam há demasiado tempo à espera do grande dia.

– E porquê esses nervos? – insistiu, fitando-a.

Venecia suspirou e, ignorando o que pairava dentro de si, olhou para o pai, que, junto com a mãe e os seus sogros, tinha organizado o casamento do século, com mais de quatrocentos convidados.

– Por palermices, pai – respondeu, procurando arranjar uma resposta original. – Não é todos os dias que nos casamos.

Fernando deu uma gargalhada.

Estava feliz com o casamento da filha com Jesús, aquele rapaz que conheciam desde sempre, tão sério, sensato e responsável. Notário e filho de um reputado banqueiro, sem dúvida cuidaria da sua menina como ela merecia.

– Vejamos, querida. Sei que terias gostado de um... um casamento diferente, mas...

– Pai... não te preocupes.

Fernando abanou a cabeça. Venecia parecia-se mais com a mãe do que alguma vez teria imaginado, e insistiu:

– Lamento que pela... pela minha pressa para te ver casada antes de...

A noiva deixou de ouvir enquanto o pai falava e falava devagar.

O seu casamento ideal teria sido no verão, na praia, e rodeada apenas das pessoas que gostavam dela. Mas não. Em vez disso, ia casar rodeada de centenas de pessoas que não conhecia, ataviada com um bonito vestido e cheia de dúvidas.

No entanto, tinha de o fazer pelo pai. Devia-lho. Ele queria ver a filha casada antes que a maldita doença o impedisse.

Venecia sentiu-se angustiada. Abanou-se com as mãos e fechou os olhos. O que estava a pensar, o que lhe passava pela cabeça, não era coisa boa. Não podia fazer isso ao pai.

Contudo, estava zangada, dececionada, incomodada e, como precisava de falar, murmurou:

– Pai...

– ... E depois há a tua mãe. Anda há me... meses sem dormir a organizar *isto* com a tua sogra para que saia tudo como deve ser... Já a conheces, filha! Se isto não sair bem, vamos acabar com ela nos cuidados intensivos.

Assentiu, sabia que o pai tinha razão.

Aurora, a sua mãe, deixara de ter vida e quase perdera a saúde para organizar aquele casamento grandioso. Queria estar à altura da família endinheirada do noivo, e tudo tinha de correr na perfeição, caso contrário, sem dúvida que acabaria por ter um enfarte.

Porém Venecia estava bastante confusa.

Deveria deixar-se levar ou seguir o coração?

Como poderia fazer aos seus pais aquilo que lhe estava a passar pela cabeça?

Teria enlouquecido?

– E... e... *isto*... é... *isso*...

Ao ouvir aquelas palavras e o seu tom titubeante, olhou para o pai e compreendeu logo o que se estava a passar. Aqueles momentos desconcertantes de perda de memória e de noção da realidade eram cada vez mais frequentes e, pegando com delicadeza na mão dele, murmurou conforme Pedro lhes ensinara:

– Pai...

Fernando olhou lá para fora pela janela. O seu olhar vazio partiu o coração à filha, que se apressou a chamar o condutor:

– Pedro...

Este, que também era o cuidador de Fernando, deu uma olhadela pelo retrovisor.

– Calma, Venecia... – pediu –, calma...

A jovem anuiu.

Como podia o pai desligar-se do mundo num instante?

O que lhe passava pela cabeça nesses momentos?

E, mantendo a calma, tal como Pedro lhe pedia, começou a trautear olhando-o nos olhos: *Can you hear the drums, Fernando?*

Ninguém sabia bem porquê, mas bastava ouvir aquela canção dos ABBA intitulada *Fernando* – tão especial para o seu pai e que tantas vezes lhe contara na infância que a mãe lha cantava – para que nos seus momentos de esquecimento e confusão, o homem prestasse toda a sua atenção.

Engolindo o nó de emoções que sentia ao ligar-se com o olhar perdido do pai, Venecia continuou a trautear aquela melodia tão especial para ele. Nesse instante nada no mundo importava a não ser ele. Cantou. Entoou. Repetiu as estrofes, até que ele piscou os olhos, tocou no olho e ela, parando de cantar, disse:

– Pai, sou Venecia, a tua filha... Lembras-te de mim?

Após uns segundos de confusão, Fernando olhou para ela. Uma vez mais acontecera aquilo que tanto odiava e, com os olhos chorosos, declarou:

– Gosto quando cantas essa canção, querida.

Ao ouvir isto, ela concordou emocionada e sorriu a Pedro, que os observava pelo retrovisor enquanto continuava a conduzir.

Durante uns minutos, de mãos dadas, permaneceram calados, até que uma mota vermelha de grande cilindrada os ultrapassou a toda a velocidade e o pai grunhiu ao reconhecê-la:

– Ali vai o teu irmão. Como sempre, com pressa, e a chover! A tua... tua mãe deve estar histérica por não o ter ao lado dela na igreja. Raios o partam! Olha que eu disse-lhe que hoje precisávamos dele a cem por cento. Mas nããã, ele, como sempre, está na dele!

Venecia sorriu. Aquele sim, era o seu pai, o resmungão e irritadiço que a fazia rir. E a mota era a do seu irmão Álex, um caso à parte.

– Pai...

– E esta manhã a tua mãe disse-me que o teu irmão vai outra vez viajar em trabalho. Não para... esse rapaz anda sempre com o rabo no ar!

Venecia assentiu. Devido ao seu emprego como comercial para uma famosa marca de automóveis, Álex viajava amiúde. Então, tentando que o pai deixasse de protestar por causa do irmão, perguntou:

– O voo da tia Fiorella já chegou?

Fernando olhou-a com carinho e fez-lhe um gesto com a mão. Depois tirou do bolso uma pequena agenda da qual nunca se separava e, após lhe dar uma olhadela, anuiu.

A tia Fiorella era a irmã preferida de Mariella, a mãe biológica de Venecia, e a mulher que em tempos a ajudara a não se meter em maus caminhos e a seguir em frente.

Mariella, uma bonita italiana, fora uma mulher carinhosa, independente, trabalhadora, que por acasos do destino fora criada com Fiorella num lar de acolhimento. Duas meninas sem casa. Mariella era pintora. Dedicava-se a pintar retratos para os turistas em frente à Basílica de São Marcos, em Veneza. Fora ali que Fernando a conhecesse, numa viagem de lazer que fizera com o seu grande amigo Carlos. Mariella ofereceu-se para lhe pintar um retrato e Fernando aceitou sem hesitar.

Durante aquela hora que durou o processo do retrato, Fernando apaixonou-se por aquela jovem italiana, que, ao saber que ele se chamava Fernando, começou a trautear a canção dos ABBA. Apaixonou-se pelo seu sorriso, pelos seus olhos, pela sua maneira de inclinar a cabeça de cada vez que olhava para ele. E, uma vez terminado o retrato, convidou-a para tomar café e, a partir desse instante, já não se separaram mais.

Estiveram juntos a semana que Fernando passou em Itália e, quando ele regressou a Espanha, a sua vida já não foi igual. Faltava-lhe ela, a mulher impulsiva que o fizera sorrir como nunca ninguém tinha feito e que o deixara KO. Por isso, decidiu regressar a Veneza, onde a encontrou diante da Basílica de São Marcos a pintar um retrato a outro turista, foi ter com ela e, sem mais nem menos, pediu-a em casamento. Mariella, uma mulher impulsiva e apaixonada, aceitou sem hesitar e voltou a cantar-lhe a sua canção, *Fernando*.

Fiorella e Carlos foram os padrinhos do casamento que se celebrou sem convidados no bairro de Cannaregio, na igreja de Santa Maria dei Miracoli, lugar onde Mariella tinha sido abandonada em bebé e que para a italiana tinha um significado muito especial. Como ela dizia, ali começara a sua vida e ali devia prosseguir.

Ao regressarem a Espanha, a humilde família de Fernando armou um escândalo. O filho tinha-se casado com uma artista italiana que não tinha onde cair morta. Porém, meses depois, todos aqueles que de início a tinham criticado já gostavam dela. Era impossível não gostar de Mariella.

Passado um ano foram abençoados com a vinda ao mundo de Venecia Mariella del Carmen Fiorella, uma linda menina morena e de caráter sorridente e vivaz como a mãe. No entanto, uma maldita e imprevisível doença quando Venecia tinha oito meses deixou a bebé órfã de mãe e Fernando com o coração destroçado.

Conforme prometera a Mariella, chegado o momento, ele trasladou o corpo dela de novo para Veneza, onde se oficiou um funeral no bairro de Cannaregio, na igreja de Santa Maria dei Miracoli. E, tal como ela pedira, a sua vida começou e acabou ali.

O regresso a Espanha não foi fácil para Fernando. Durante meses, a solidão e a saudade fizeram-no entrar numa espiral de autodestruição da qual se negava a sair. Cheirava a roupa de Mariella. Passava o dia a ouvir ABBA ou Barbra Streisand e ficava desfeito quando passava a canção *Fernando* e recordava aquela mulher a cantá-la cheia de vida e amor.

Dia após dia, Fernando julgou morrer enquanto o seu coração congelava sem Mariella. Ela era a razão da sua vida, do seu sorriso, da sua alegria. Porém, graças à força, ao ímpeto e, porque não?, também à loucura de Fiorella, recordou que tinha uma filha linda para cuidar e amar e que, por Mariella, tinha de a fazer feliz.

Quando Venecia tinha três anos, Fernando conheceu Aurora no casamento do seu amigo Carlos. Era uma rapariga encantadora, filha de uns charcuteiros amigos dos seus pais, que, com o seu sorriso e o seu carinho, lhe descongelou o coração. E, quatro meses depois, ante a surpresa de todos, aquela jovem transformou-se na sua mulher.

Como sempre, Fernando deixou-se levar pelo coração. Se queria alguma coisa, ia atrás dela, e ainda mais ao ver o quão curta podia ser a vida depois do que acontecera a Mariella.

Aurora deu-lhe um filho, a quem deram o nome Alejandro e, o melhor, sempre amou Venecia com loucura desde o primeiro instante. Era uma boa mulher. Sentia predileção por algumas coisas banais, mas fazia os seus filhos felizes e a ele também, e para Fernando isso chegou-lhe. Ainda assim, Mariella nunca abandonou o seu coração, algo que Aurora aceitou.

Ao ver o ar sonhador do pai ao recordar-se, Venecia soube em que estava ele a pensar e, tocando com carinho no seu joelho, a pessoa a quem adorava, murmurou:

– Ela está aqui conosco.

Fernando anuiu.

– Só me bastaram uns segundos para me apaixonar e saber que queria casar-me com ela – murmurou.

Venecia anuiu. Ultimamente, aquelas lembranças que o pai guardava dentro de si afluíam com mais frequência. E, quando ia para responder, ele tirou um lenço do bolso e, secando os olhos, declarou:

– Mariella não perderia este momento por nada do mundo, querida.

– E, recompondo-se, acrescentou enquanto olhava de novo para a sua agenda: – O voo de Fiorella chegou há trinta minutos. Pedro anotou isso aqui. Falou com ela e Fiorella contou-lhe que tinham tido problemas para aterrar por causa da chuva, mas disse-lhe que ia direta do aeroporto.

Venecia sorriu. A sua tia Fiorella era incrível. Aos sessenta anos e depois de dois divórcios sem filhos para se preocupar, era uma mulher cheia de otimismo e vitalidade. Com esforço e ajudada pelo pai, na sua juventude tinha conseguido tirar uma licenciatura em jornalismo e trabalhava para um importante jornal de Nápoles.

Tinham sido muitas as vezes que Venecia apanhara um voo para Nápoles para estar com ela. Quando estava com Fiorella e respirava a sua vida, a sua independência e o seu otimismo, algo no seu coração dizia-lhe que a sua mãe também tinha sido assim. Louca. Divertida. Independente.

Quando ia para dizer algo, Fernando comentou:

– Espero que a *hippie* da tua tia venha vestida para a ocasião, senão a tua mãe tem um dos seus ataques. Já a conheces.

Venecia sorriu e, pensando em Fiorella, assegurou:

– Ela virá linda.

Ambos sorriam. Não tinham a menor dúvida disso.

E ali estavam pai e filha, a chegarem à antiga igreja dos santos Justo e Pastor, que agora se chamava oficialmente Basílica Pontifícia de São Miguel, situada no coração da Madrid dos Áustrias, lugar onde se casaram os sogros de Venecia e onde, claro está, ela devia casar-se com Jesús.

Conforme se aproximavam da basílica e Venecia começou a ver as pessoas vestidas com elegância para o evento debaixo dos guarda-chuvas, os seus nervos aumentaram, mas sorriu ao avistar os colegas da revista. Estavam giríssimos.

Ao vê-la sorrir, o pai agarrou-lhe na mão, beijou-a com carinho e murmurou:

– Estou tão feliz.

Venecia assentiu. Sabia o quanto aquele casamento era importante para ele, aquele momento, e, sentindo-se mal, murmurou:

– Gosto de te ver sorrir, pai.

O carro parou por fim. Pedro saiu, tirou a cadeira de rodas de Fernando e, assim que o sentou, três mulheres aproximaram-se e uma delas, entregando-lhe o seu guarda-chuva, comentou:

– Ai, senhor Fernando Monastegui... mais bonito seria impossível!

– E elegante – afirmou outra das mulheres.

Fernando sorriu. Diante dele tinha as amigas de sempre da sua filha, mas cujos nomes não recordava e, olhando para elas, disse:

– Vocês é que estão lindas.

Dito isto, Fernando e Pedro, o seu cuidador, começaram a falar debaixo do guarda-chuva enquanto as três jovens se metiam no carro.

– Estás espetacular!

– Oh, meu Deus, Venecia, o *gloss* que comprámos fica-te maravilhosamente! – exclamou Elisa.

– Flor... estás um arraso... um arraso! – declarou Silvia, sorrindo.

– Ai... ai... ai... Que liiiiinda... – disse Rosa emocionada.

A noiva sorriu e então, ao ver a expressão dela, perguntou:

– O que tens?

Engolindo em seco e fazendo beicinho, Rosa murmurou:

– Estou emocionada! Vais casar e é tudo tão bonito... Estás tão linda...!

– Olha... está a chorar – escarneceu Silvia.

Elisa deu uma cotovelada a Silvia. Rosa era, e estava, muito sensível, e Venecia, tocando com carinho na barriga da amiga, disse:

– Não chores, tontinha. Estás melhor hoje?

Rosa suspirou; a sua última gravidez estava a dar-lhe mais luta do que o normal.

– Sim. Espero que não dê ao nosso amiguinho ou amiguinha para se portar mal. E o teu pai, está bem?

Todas olharam para Fernando, que conversava com o seu cuidador, e Venecia, omitindo o que acontecera, respondeu:

– Sim. De momento, parece que sim.

Todas sorriram com carinho e Venecia abraçou Rosa.

Adorava aquelas três amigas que muitos anos antes o destino pusera na sua vida e que se tinham transformado num prolongamento da sua família.

Como mulher, longe de ser perfeita, Venecia sabia qual era o seu potencial. Tinha a tez clara, olhos escuros e algo rasgados, e cabelo comprido e escuro como uma boa italiana. Mas o seu forte não era o seu aspeto físico. O seu forte era o sorriso e a sua personalidade, que acabavam por enfeitar quem ela queria. Como dizia o pai, era envolvente como Mariella!

Venecia não era muito alta e também não precisava de usar o 38 para ser feliz, apesar de ter as ancas largas, como dizia a sua mãe. Isso agora fazia-a sorrir. E, embora no passado aquelas ancas lhe tivessem causado um ou outro desgosto na escola e depois na universidade, com o passar dos anos aquela insegurança esfumara-se e estava feliz consigo. Tinha aprendido a aceitar o seu corpo tal como era e reivindicava o seu tamanho de roupa com orgulho, e quem não quisesse olhar para ela que não olhasse. Não faziam falta na sua vida.

– Estou uma pilha de nervos – murmurou para as amigas.

Rosa sorriu; Venecia estava linda com aquele vestido de noiva e, olhando para longe, para onde o marido se debatia com os seus dois filhos de seis e oito anos, afirmou:

– É normal... vais-te casar!

– Vamos tirar uma *selfie*! – propôs a noiva, pegando no seu telemóvel.

Fotografia para aqui, fotografia para acolá... E, quando terminaram, estiveram a conversar sobre o bonito vestido, o drapeado, os brincos que ela levava, o cabelo apanhado num coque, até que Elisa comentou:

– Rosa, os teus filhos são uns demónios.

– Porque dizes isso?

As quatro amigas olharam para o sítio para onde Elisa estava a apontar e, ao verem o marido de Rosa com o namorado dela a discutirem com os miúdos para que não corressem debaixo de chuva, Silvia disse:

– E depois vocês ainda me perguntam porque não tenho pequenos demónios...

As amigas sorriram e Rosa, suspirando, murmurou feliz:

– O meu amorzinho está giríssimo com o seu *smoking*, não está?

Todas concordaram, Pablo era um homem muito atraente e aquele *smoking* assentava-lhe muito bem.

– E o meu homem? – interveio Elisa. – Como está Lorenzo com o seu *smoking*?

As mulheres olharam para o homem com quem a amiga andava há oito anos e, que, vestisse o que vestisse, tinha sempre um estilo que deixava toda a gente boquiaberta. Lorenzo era educado, elegante e, sobretudo, um homem muito agradável.

– Também está muito giro – declarou Venecia.

– A propósito – insistiu Elisa emocionada –, de cada vez que vejo a tatuagem que ele fez sobre o coração, com o meu nome em chinês, fico comovida!

– Que delicadeza! E para que conste, eu não gosto de tatuagens – comentou Rosa contente.

As amigas de Venecia estavam apaixonadas pelos seus homens. Formavam casais com relações estáveis e ela sempre tinha querido parecer-se com elas no futuro.

– O teu irmão é que está giro – observou Silvia, a mais peculiar de todas elas. – Quando o vi chegar na sua mota... por favoor, quase tinha de ir mudar de cuecas.

– Silvia! – repreendeu-a Rosa.

No carro ouviu-se então a notificação de recebimento de várias mensagens no WhatsApp. Silvia tirou o telemóvel do bolso do seu macacão e ia para falar quando Elisa, fitando-a, lhe perguntou:

– Esse é o teu telemóvel ou o *telegajos*?

Silvia soltou uma gargalhada. O *telegajos* era o seu segundo telemóvel, que utilizava apenas para os seus engates, e respondeu:

– Estando convosco, deixei o oficial em casa e só trouxe o *telegajos*.

– E, vendo as mensagens recebidas, exclamou: – Mãe do céu... as coisas que Paul me está a dizer!

Elisa e Venecia riram, e Silvia, sem se importar com a cara de Rosa, comentou:

– Não vi Fiorella; ela não vem?

Venecia suspirou.

– O voo dela vinha com atraso por causa da chuva, mas já cá está e vem a caminho.

– Estou morta por vê-la! Fará com que este casamento seja mais ameno para mim – assegurou Silvia, sorrindo.

– Aqueles vídeos do YouTube que ela me recomendou para arrumar os armários vieram mesmo a calhar – observou Elisa. – O espaço que tenho agora! Aquilo que Fiorella não descobre, mais ninguém consegue descobrir!

– É mesmo... – secundou Rosa.

De novo, todas sorriram, e então Silvia, depois de soltar um assobio, perguntou:

– E quem é aquele jeitoso que olha para toda a gente com cara de mau?

Dirigiram os olhos para o homem que a amiga indicava e, ao reconhecê-lo, Venecia respondeu:

– É Jacobo, um amigo de Jesús que veio de Múrcia.

Silvia sorriu e, a seguir, murmurou com ar trocista:

– Jacobo da minha vida... és a minha próxima vítima.

– Por favor – grunhiu Rosa ao ouvi-la –, não vais começar já!

– Silvia... estamos num casamento – acrescentou Elisa.

Venecia sorriu. Silvia fazia-a sempre sorrir com os seus comentários jocosos e esta, ao ver que estavam todas a olhar para ela, afirmou:

– Tenham lá calma, minhas flores. Nos vossos maridos, vocês já sabem que não toco nem com um pau, mas ali ao Jacobo, esta noite vou comê-lo.

– Não serias capaz! – retorquiu Elisa.

– Sou capaz, sim... vais ver como me vou empanturrar! – escarneceu ela.

– Por favor, Silvia! – gemeu Rosa.

E, dito isto, todas começaram outra vez a falar ao mesmo tempo, até que Venecia, reparando melhor em Rosa, exclamou:

– A sério?!

– Caramba! Por fim não sou a única a ter-se dado conta – observou Elisa.

– O que se passa? – perguntou Silvia.

Rosa suspirou enquanto tocava nas pálpebras.

– Está bem – murmurou. – Admito, meti um bocadinho de colagénio. Pablo recomendou-me e...

– Estás grávida! – grunhiu Venecia, coçando-se atrás da orelha com o indicador.

– Não há problema – murmurou Rosa, olhando para ela.

– Porra para o *Amorzinho* – interrompeu Elisa. – Mas será que vais fazer sempre tudo o que o teu marido te recomendar? E se amanhã ele te pedir para pores três orelhas, tu pões?

– Ainda duvidas? – zombou Silvia.

– Vamos lá ver... não vamos começar, vocês são mesmo cansativas – replicou Rosa.

Todas sabiam que Pablo, o marido de Rosa, era um exigente e endinheirado cirurgião plástico de renome. O típico quebra-corações que aos quarenta e cinco anos malhava no ginásio, comia frango com arroz e se cuidava com mais cremes do que a mulher.

Rosa e Pablo tinham-se conhecido numa convenção organizada pela clínica dele em Madrid, à qual ela assistiu acompanhando uma amiga.

Rosa era uma rapariga normal e humilde, filha de pai catalão e mãe madrilenha, que trabalhava como fisioterapeuta num hospital público, até que Pablo a conheceu e ficou apanhado por ela.

No fim, Rosa, apaixonada por aquele médico tão endinheirado, deixou o seu trabalho no hospital público e começou a trabalhar na clínica privada do cirurgião, que a queria por perto.

Um ano depois, encorajada por Pablo, deixou o emprego.

Para quê trabalhar se ele ganhava o suficiente para os dois?

E Rosa, incitada por ele, foi à faca para aumentar dois tamanhos de peito e fazer uma pequena correção no nariz. No ano seguinte casaram-se e, depois de ter dois filhos, não hesitou em fazer uma lipoescultura. Queria estar bonita, tão perfeita como o seu marido.

Estavam todas a fitá-la quando ela, para desviar o assunto, perguntou ao ver a noiva a roer as unhas:

– E o que se passa contigo?

Esse comentário fez que todas se esquecessem de Rosa, e Venecia, encarando-as, ia responder quando Silvia sussurrou ao ver a expressão dela:

– Parece que nos vamos chatear.

– Ai... ai... não me dês um desgosto – murmurou Rosa.

Venecia bufou.

As amigas conheciam-na demasiado bem; sem conseguir evitar, tocou no telemóvel que trazia no bolso oculto do vestido e comentou:

– É... por... por causa de Sofia.

– Sofia?! – repetiram as três ao mesmo tempo.

Sem mais demora, Venecia tirou o telemóvel do bolso, ligou-o e, depois de procurar uma mensagem, mostrou-a às amigas e disse:

– Leiam.

Em silêncio, as três olharam para o ecrã e leram:

Sofia, és a mulher que sempre sonhei ter ao meu lado.

Fico louco de cada vez que te beijo e faço amor contigo,

mas tenho de me casar com Venecia, quer queira quer

não, por causa do problema do pai dela. É importante

para ela e não lhe posso falhar.

Incrédulas, as mulheres voltaram a ler a mensagem.

– *Mare de Déu!* – exclamou Rosa.

Elisa abanou a cabeça, todas sabiam da doença de Fernando, e, olhando para Venecia, perguntou surpreendida:

– Ele vai-se casar contigo por causa do problema do teu pai?

– Ao que parece, sim – afirmou a noiva.

– É mesmo cabrão! – grunhiu Silvia.

– Não digas palavões, Silvia. Isso não resolve nada – protestou Rosa.

– Vou partir as pernas a esse merdas agora mesmo – insistiu Silvia.

E dispunha-se a sair do carro quando Venecia a travou.

– Se te passar pela cabeça fazer uma parvoíce, vais ter de te haver comigo.

Silvia praguejou e murmurou com ar chateado:

– Tu é que vais ter de te haver comigo se te passar pela cabeça casares-te com alguém que está apanhadinho por outra que não tu. A sério, Venecia?! A sério?!

Ela resfolegou. Sabia que as amigas tinham razão, mas, quando ia para responder, o pai, acompanhado pelo seu cuidador, abriu a porta do carro e disse:

– Meninas, parou de chover e chegou a hora de... de começar... isto.